



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

**GT1 Africanidades e Brasilidades em Literaturas e Linguísticas**

**LITERATURA SÃO-TOMENSE: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS  
EM CONTOS DE OLINDA BEJA**

Cleudes Cotias Santos<sup>1</sup>

Bárbara Albuquerque da Paixão<sup>2</sup>

Manuella Moura Miranda<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo visa analisar os processos identitários nos contos “A casa do pastor” e “A transumância”, de Olinda Beja (2011). Importa ressaltar, nessas histórias, as memórias da infância da autora. De base bibliográfica, esta pesquisa está ancorada nos estudos culturais e pós-coloniais e busca compreender como são apresentados sentidos de identidade e memória nesses contos, salientando a importância da tradição oral como forma de (re) conhecimento identitário.

**Palavras-chave:** Identidade. Memória. Oralidade.

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. cleudescotias@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Filosofia e Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. Mestranda em Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. barbara.apaixao@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia – UESB/BA. Mestranda em Linguagens e Representações na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA. manumourass@hotmail.com



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

A teoria pós-colonial, que teve como um dos marcos fundador a obra *Orientalismo* (1978) de Edward Said, permitiu o desenvolvimento de novas perspectivas nas áreas de estudos culturais e das ciências humanas que visavam, sobretudo uma ruptura com a história única que se deu no processo de colonização. Enquanto abordagem crítica, o pós-colonialismo volta-se, no caso dos estudos literários, principalmente à produção escrita dos povos subjugados, o que permite perceber os processos de dominação/emancipação representados nas diferentes expressões literárias, bem como fazer ecoar as vozes que antes eram caladas.

Nesse contexto, destaca-se a produção literária de São Tomé e Príncipe que, fora colônia da coroa portuguesa desde o século XV e tornou-se independente em 12 de julho de 1975. Dessa produção, por sua vez, define-se a obra literária de Olinda Beja, *A casa do pastor* (2011), sendo o conto que intitula a obra e “A transumância”, escolhidos como objeto de estudo deste trabalho, cujo problema a ser questionado pode ser assim formulado: sendo a literatura instrumento de construção/afirmação de identidades, como são apresentados os processos identitários em narrativas literárias dessa autora de São Tomé e Príncipe?

Para as possíveis respostas, a partir da análise dos contos referidos, visa-se demonstrar que os temas de identidade e memória são relevantes nessa obra, bem como, de modo geral, nas obras literárias dos países africanos de língua oficial portuguesa. Essa importância poderá ser observada na maneira como são trabalhadas as memórias individuais e coletivas da personagem, ou seja, a construção identitária através da memória nos textos narrados bem como as marcas de oralidade que neles se apresentam.

Segundo Inocência Mata (1993), São Tomé e Príncipe é assim denominado, porque quando os portugueses ali aportaram, em 1470, era o dia de São Tomé, e em 1741, dia de Santo Antão, primeiro nome da ilha do Príncipe, passando a ser assim



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

chamado o arquipélago em homenagem a D. Fernando, irmão do rei D. Afonso. Inicialmente, as terras foram habitadas por degredados portugueses, filhos de judeus e escravos originários da costa africana. Em decorrência ao pedido do rei D. João II, a população são-tomense, logo, se tornou mestiça, visto que cada morador recebeu uma escrava para coabitar, era o fenômeno da criouliização.

Com a independência de São Tomé e Príncipe ocorrida em julho de 1975, instaura-se um momento crucial de mudança nesse território africano: o país vem traçando políticas de desenvolvimento e de consolidação das suas estruturas. Sua expressão literária surge nesse período.

Segundo Ferreira (s/d), com a tradição do jornalismo praticado pela elite dos filhos da terra, na imprensa (revistas, jornais e boletins de associações), de que era proprietária, destacando-se *O Africano*, *A Voz d'África*, *O negro*, *A verdade*, *O correio d'África*, entre outros. Esses periódicos, de caráter não oficial e não governamental, publicavam poemas dispersos dos colaboradores e eram dimensionados em uma matriz pré-nacionalista.

Ainda segundo Ferreira (s/d), desses periódicos surgiram polêmicas sobre o engrandecimento e instrução das populações nativas, sobre o abuso do poder, violência contra o negro e sobre a questão das terras desapossadas dos nativos. Era o período da produção das culturas do cacau e do café, e conseqüente instauração das estruturas coloniais, preparando as condições para a segunda colonização, baseada na monocultura daqueles produtos, que era praticada em unidades socioeconômicas denominadas roças.

A literatura de língua portuguesa em São Tomé teve como marco inicial, sob o olhar de Ferreira (s/d), a poesia de Costa Alegre, uma vez que evoca certo negrismo literário e configuração da etnicidade. Mas, será com Marcelo da Veiga, (dentre outros autores), que essa literatura se afirma e se consolida, mantendo uma linha de continuidade em que a temática de fundo é a luta contra o colonialismo, a exploração



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

dos negros nas plantações, a consciência da diferença que a cor provoca, e a alienação.

Entretanto, essa literatura ganhará efetiva afirmação e abrangência com o livro de poemas *Ilha de Nome Santo*, de Francisco José Tenreiro, publicado em 1942. Esse poeta, filho da terra, apesar de não rejeitar alguns valores adquiridos com a colonização, assume a perspectiva africana e propaga em seus poemas a exaltação das culturas não somente africanas, mas todas que foram igualmente colonizadas (LARANJEIRA apud MATA, 1995, p. 339).

Na literatura são-tomense atual destaca-se Olinda Beja, nascida em Guadalupe – São Tomé e Príncipe, que teve sua primeira produção literária intitulada *Bô Tendê*, escrita em 1992. Apesar de viver em Portugal, essa autora, também enaltece em seus textos a figura do povo africano, não somente em poemas, como também em seus romances e contos.

Dessas produções, define-se a antologia de contos *A casa do pastor* (2011) como objeto de análise deste trabalho. Essa obra é dividida em dezessete histórias que se entrecruzam e são contadas por João Grilo, um guardador de ovelhas que se vê no dilema de não ter para quem passar o ofício de pastorear, uma vez que ele era o último a exercer essa atividade na região de Beira Alta, em um povoado chamado Tibaldinho, em Portugal.

No conto que intitula a obra, João fala da dor de ter que largar sua profissão, pois já está com oitenta anos e o corpo, que já não tem o mesmo vigor de outrora, precisa descansar. Ao mesmo tempo em que ele fala da sua carreira, sente, porém, uma tristeza profunda ao ver que sua identidade será perdida, por não ter herdeiros para dar continuidade à sua arte de pastorear ovelhas. Já em "A transumância", João Grilo se deleita ao contar à narradora/autora, os fatos ocorridos em sua vida enquanto pastor e rememora com riqueza de detalhes esses momentos simples, mas que para ele eram felizes.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

O conceito de identidade cultural, aqui abordado, define-se como um processo em construção a partir, dentre outros elementos, da memória de um povo. Candau (2011) afirma que a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada, ou seja, a memória é fundamento e fundação da identidade que, por sua vez, está sempre em construção, pois cada vez que nos lembramos, acrescentamos sempre um dado novo em um processo de continuidade:

Memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2011, p.19).

Nesse sentido, guardamos em nossa memória tudo o que marca nossa vida desde a infância e, por meio dessas lembranças, vamos construindo nossa identidade. Tal processo se constrói como aponta a teórica Myrian Sepúlveda dos Santos (2003), na luta da memória contra o esquecimento, ao citar Arendt:

A memória, nesse caso, é associada à percepção de pertencimento a um mundo que engloba e constitui os indivíduos. Mais do que isso, a memória é vista como um atributo que permite ao homem a percepção de sua finitude. (ARENDRT apud SANTOS, 2003, p. 17).

Significa, portanto, o ponto de encontro que liga, por um lado, os discursos que nos intimam a falar assumindo, assim, nosso lugar de sujeitos do próprio discurso e, por outro, os processos de opinião pessoal que nos constroem como sujeitos do discurso, intimamente ligados à reprodução de uma memória. De acordo com Maria Leticia Ferreira Santos (2011), é a partir de uma forma individual, mas também de toda a experiência intersubjetiva, que a memória igualmente assume formas coletivas, o que leva a um sentido de identificação.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

No caso dos países africanos que foram colonizados por Portugal, a língua do dominador era instrumento de repressão, imposta ao dominado, que era forçado a utilizá-la ao invés da sua língua de origem. Dessa forma, a tradição oral afirmou-se pela necessidade da comunicação entre os povos nativos, uma vez que não eram entendidos pelos colonos. Assim, a oralidade tornou-se necessária a fim de não deixarem morrer a memória de seu povo. Como aponta Zilberman:

Memória constitui, por definição, uma faculdade humana, encarregada de reter conhecimentos adquiridos previamente. Seu objeto é um 'antes' experimentado pelo indivíduo, que o armazena em algum lugar do cérebro recorrendo a ele quando necessário. [...] compete àquela faculdade o acúmulo de um determinado saber, a que recorre quando necessário (ZILBERMAN, 2006, p.117).

Assim, a memória está sempre em construção a partir das influências internas e externas sofridas pelo indivíduo. Em se tratando da memória coletiva, Halbwachs (apud SANTOS, 2003) vê a memória como resultado de representações coletivas construídas no presente, que tinham como função manter a sociedade coerente e unida:

A partir da percepção de que lembranças são constituídas por indivíduos em interação que são a um só tempo constituídos e constituintes de sua história, memória e liberdade voltam a ser conceitos associados (HALBWACHS apud SANTOS, 2003, p. 23).

Ressaltamos que todo esse processo de construção de identidade, teve como ponto fundamental a oralidade na cultura dos países africanos então dominados. Isto se aplica na maneira como esse conhecimento e sabedoria outrora foram transmitidos, passando do mais velho ao mais novo, reforçando a figura do griot.

Com relação à relevância desse contar/vivenciar histórias, instaura-se a relevância da oralidade que, de acordo com Regina Zilberman (2006), pode ser



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

assim considerada: “A oralidade é igualmente expressão mais credenciada da memória e o narrador, aproxima não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes (ZILBERMAN, 2006, p.122).

Na antologia de Olinda Beja, há a aproximação entre o narrador e seus ouvintes e o fim eminente desse encontro é o tema central. Trata-se, na verdade, de uma narração a duas vozes, pois a autora adentra no texto. Percebemos que nos contos, a personagem João Grilo ao contar suas histórias, faz um resgate do seu passado, rememorando as experiências vividas enquanto pastor até o dilema dos últimos dias da sua profissão, pois é chegada a hora de parar, uma vez que já está em idade avançada. Sua maior inquietação, no entanto, é não ter para quem deixar o que mais aprendeu na vida, pastorear ovelhas:

Mas não era um fim como tinha sido o do seu avô em que o pai herdara o gado e ele o herdara ao pai. Agora era um fim diferente, um fim a sério sem deixar herança nem glória. Nada voltaria a ser como dantes e essa é que era a grande mágoa deste guardador de rebanhos e de sonhos (BEJA, 2011, p. 12).

Pode-se observar, nessa passagem, o descontentamento e tristeza de João ao ver que chegou ao fim da vida sem ter para quem deixar seus feitos, pois acabava, com ele, o ciclo de uma geração de pastores: “A minha arte está em vias de extinção – gracejou desenhando no rosto redondo um sorriso irônico mas triste – em vias de extinção!” (BEJA, 2011, p. 12).

O grande ressentimento de Grilo, não era apenas saber que naquele lugar onde nascera não só não haveria mais pastores, mas também, a certeza de sua identidade perdida, pois, sem descendentes para dar continuidade a seu ofício, não haveria a quem deixar o seu legado. Essa inquietação da personagem comove a narradora, que interpela João Grilo e, claramente, é percebida como a própria Olinda Beja, “Num gesto quase maternal tentei remediar a situação fazendo com que o



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

velho pastor se sentisse ainda útil e prestável num mundo que hoje vive.” (BEJA, 2011, p. 12).

Nota-se, a emoção dessa narradora/autora ao ver o pastor entristecido por não poder garantir que seu ofício se perpetue. Desse modo, ela se propõe a escrever essas histórias sobre o ato de pastorear: para que a profissão de João não se extinga e, assim, seja garantida a manutenção de suas histórias, o resgate dessas memórias, permitindo que ele sinta a imensa felicidade de ver suas ações lembradas:

Fizemos um acordo, ambos poetas, ambos pastores, durante dias, meses, o horizonte a perder-se no cimo da montanha, as palavras a saltarem da boca mas vindas do coração, os caminhos velhos à nossa espera (BEJA, 2011, p. 13).

João pode, enfim, tranquilizar-se ao saber que suas histórias contadas, agora se tornariam conhecidas por todos, inclusive pelas crianças, pois seriam transcritas, tornando-as desta forma, imortais. E então passa a contar sua trajetória enquanto pastor, como podemos perceber nessa passagem do conto “A transumância”:

Vi que a felicidade de João Grilo residia realmente nos relatos da sua juventude que apesar de ter sido agreste como o vento que sopra da Estrela lhe deixou uma riqueza muito maior que a dos homens que detêm o poder no mundo. Só que João Grilo não sabe! Pensa que é um pobre guardador de ovelhas, quase analfabeto, que apenas conhece os caminhos da transumância e esquece que foram esses caminhos que o fizeram sonhar com as vidas que existem para lá do seu mundo serrano cheio de cruzamentos e ideais (BEJA, 2011, p. 39).

Outra situação que aproxima a autora/narradora do personagem João Grilo é o fato de ambos serem da Região de Beira Alta, lugar este em que Beja fora criada após deixar sua terra natal ainda criança e, se o pastor contava suas histórias, a autora crescera ouvindo as histórias contadas pelos seus ancestrais africanos.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

Entretanto, ela também se apropriara da escrita e, desse modo, pode mostrar as venturas e desventuras desse guardador de rebanhos, de sonhos e tantas outras histórias de seu povo.

Olinda Beja, ao se aperfeiçoar na arte de contadora de história e de escritora, não tenta sobrepôr a segunda diante da primeira, mas, se utiliza desta para tornar as histórias de seu país conhecidas através de seu ofício. Como Grilo, ao apontar seu amor imensurável quando fala de seu povoado, a narradora se apropria dessas informações contadas por ele.

[...] Amou as árvores, por isso trouxe sempre pendurada à cinta uma tesoura para as alindar, amou os riachos onde bebeu pela concha da mão, amou os horizontes sem fim e os campos onde adormecia, amou os penedos onde fez seu refúgio de amores e de tempestades mas amou sobretudo a voz quente e meiga do seu rebanho que foi o seu mundo, que foi sua vida (BEJA, 2011, p. 41).

Essa fala da narradora/autora está embebida de um sentimento de saudades do que João Grilo viveu, como se ela estivesse vendo passar por sua memória as imagens do que ele lhe contava. Reverbera, assim, imagens de sua infância em São Tomé e Príncipe, e as saudades do que não vivenciou em sua terra natal.

A partir do estudo realizado, podemos considerar que o conto “A casa do pastor” fundamenta-se em sentidos de memória e de identidade assumidos pelo personagem João Grilo, que demonstra seu saudosismo ao falar da sua profissão em fase de extinção, ao mesmo tempo em que se sente entristecido em saber que, com o avançar da idade, perderá não somente a profissão como também sua identidade de pastor.

Os traços de oralidade são evidentes ao longo dos dois contos e sob duas formas: a primeira, como único recurso da personagem João, uma vez que ele não tinha o domínio da escrita; a segunda, como preservação da sabedoria transmitida



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGUÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

por seus ancestrais, quando contava suas histórias, reais ou imaginadas, depois de um dia de trabalho árduo.

No conto “A transumância”, os traços mais evidentes da memória e da oralidade fazem-se presentes quando a personagem principal relata fatos vividos durante sua jornada enquanto pastor, demonstrando assim a necessidade de se fazer conhecida sua história/identidade para que a sua trajetória, inclusive, a trajetória dos seus ancestrais, não fosse esquecida com o tempo. Assim, João ficou imensamente feliz quando a personagem/autora garante-lhe o registro de suas histórias, pois seus relatos contados se tornariam conhecidas por todos, inclusive pelas crianças, já que seriam transcritas, tornando-se perenes e cada vez mais viva sua identidade.

Desse modo, os contos deixam entrever sentidos identitários da autora que, nascida em São Tomé e Príncipe, desde criança passou a viver em Portugal, o que denota a experiência de viver entre dois mundos: o são-tomense e o lusitano. Nesse processo, em “A casa do pastor”, a autora revive aspectos de que aproximam ambos os lugares: o vivido por ela e o resguardado em sua memória. Em “A transumância”, afirma a importância de seu ofício de escritora capaz de garantir perenidade às histórias orais que fundamentaram suas memórias e, por extensão, que garantem memórias do que se afirma como valores identitários de seu povo: a celebração da simplicidade e a grandeza dos exemplos de seus ancestrais: um tempo de vozes que, resgatadas do passado, podem contribuir para os sentidos da vida no presente.

## **REFERÊNCIAS**

- BEJA, Olinda. **A casa do pastor**. Lisboa. Ed. Chiado, 2011.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas** / org. Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3. Ed. Ver. e ampl. – Maringá: Eduem, 2009. p. 259-285.



**I CONGRESSO INTERNACIONAL E III CONGRESSO NACIONAL  
AFRICANIDADES E BRASILEIRIDADES: LITERATURAS E LINGÜÍSTICA  
29, 30 DE NOVEMBRO E 01 DE DEZEMBRO DE 2016  
UFES - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Manoel. **Introdução à literatura santomense**. (s/d). Disponível em: <<http://lusofonia.com.sapo.pt/LiteraturaSantomense.htm>.> Acesso em: 24 abr. 2015.

LARANJEIRA, Pires (Org). **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. v. 64, Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução Rosana Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva & teoria social**. São Paulo: Annablume, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre a oralidade e a escrita. **Letras de hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117 – 132, setembro, 2006.